



***‘Amiamo molto l’ Italia, quantunque lontani’:*
um silabário italiano impresso em Pelotas/RS, a contribuição do professor Malan**

‘Amiamo molto l’Italia, quantunque lontani’:
an italian syllabary printed in Pelotas/RS, the professor Malan’s contribution

‘Amiamo molto l’ Italia, quantunque lontani’:
un silabario italiano impresso en Pelotas/RS, la aportación del profesor Malan

Terciane Ângela Luchese
Universidade de Caxias do Sul (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0002-6608-9728>
<http://lattes.cnpq.br/7640634913198342>
taluches@ucs.br

Resumo

O objetivo desse artigo é analisar produção, circulação e consumo de uma obra quase desconhecida, um silabário em italiano escrito pelo professor e agente consular italiano Gian Pietro Malan e publicado em Pelotas, Rio Grande do Sul. Trata-se do *Sillabario ad uso dei figli dei coloni italiani della provincia di Rio Grande del Sul per imparare contemporaneamente a leggere ed a scrivere*. A pequena obra, com 49 páginas e dividido em 33 lições, veio a lume por uma das mais importantes editoras gaúchas do período, a Livraria Americana, de Carlos Pinto & C. Succs. Por meio da análise documental histórica do silabário, entrecruzado com relatórios consulares, correspondências, jornais e com as categorias analíticas de produção, circulação e consumo, prescrito e situado aspectos históricos do livro escolar, seu autor e editora, no contexto do período, num olhar transnacional.

Palavras-chave: História da Educação e Alfabetização; Silabário; Imigrantes italianos.

Abstract

The objective of this article is to analyze the production, circulation and consumption of an almost unknown work, a syllabary in Italian written by the Italian professor and consular agent Giovanni Pietro Malan and published in Pelotas, Rio Grande do Sul. It is the *Sillabario ad uso dei figli dei coloni italiani della provincia di Rio Grande del Sul per imparare contemporaneamente a leggere ed a scrivere*. The small work, with 49 pages and divided into 33 lessons, was published by one of the most important publishers of the period in Rio Grande do Sul, Livraria Americana, by Carlos Pinto & C. Succs. Through the historical documentary analysis of the syllabary, intersected with consular reports, correspondence, newspapers and with the analytical categories of production, circulation and consumption, I scrutinize and situate historical aspects of the school book, its author and publisher, in the context of the period, in a transnational view.

Keywords: History of Education and Literacy; Syllabary; Italian immigrants.

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar la producción, circulación y consumo de una obra casi desconocida, un silabario en italiano escrito por el profesor y agente consular italiano Giovanni Pietro Malan y publicado en Pelotas, Rio Grande do Sul. Es el *Sillabario ad Uso Dei figli dei coloni italiani della provincia di Rio Grande del per imparare contemporaneamente a leggere y a scrivere*. La pequeña obra, de 49 páginas y dividida en 33 lecciones, fue publicada por una de las editoriales más importantes de Rio Grande do Sul de la época, la Livraria Americana, de Carlos Pinto & C. Succs. A través del análisis documental histórico del silabario, entrelazado con informes consulares, correspondencia, periódicos y las categorías analíticas de producción, circulación y consumo, escruto y situo aspectos históricos del libro escolar, su autor y editor, en el contexto del período, en una mirada transnacional.

Palabras clave: Historia de la Educación y la Alfabetización; Silabario; Inmigrantes italianos.

Recebido: 14/02/2025

Aprovado: 28/04/2025

Considerações Iniciais

“L’istruzione è il bastone della vita” [A educação é o bastão da vida] (Malan, s/d, p. 36, tradução livre da autora).

A pesquisa histórica construída a partir de documentos, muitos deles preservados em arquivos reserva surpresas interessantes ao investigador. Fim de tarde e quase me despedindo da pesquisa documental junto aos bem guardados documentos do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA)¹, eu fiz uma pergunta à arquivista sobre o acervo de livros antigos em italiano e recebi uma resposta que todo historiador quer ouvir. Sim, temos alguns materiais que você ainda não viu. Há anos pesquiso no AHMJSA e os livros escolares existentes eu já havia visto. Alguns ‘novos’ livros tinham sido recentemente doados e após limpeza e classificação, estavam disponíveis para consulta. Pedi para vê-los e entre eles estava um pequeno, realmente pequeno livro que de imediato chamou-me a atenção. A obra com o título *Sillabario² ad uso dei figli dei coloni italiani della provincia di Rio Grande del Sud per imparare contemporaneamente a leggere ed a scrivere* (Silabário para uso dos filhos dos colonos italianos da província do Rio Grande do Sul para aprender contemporaneamente a ler e a escrever) do professor Malan é uma pequena obra, rara, muito rara. Eu já tinha lido sobre Malan como professor e agente consular, sabia que havia escrito um livro para uso escolar. Mas até então, passados tantos anos de pesquisa sobre o tema dos imigrantes e descendentes e a história da escola, eu não tinha tido acesso a obra produzida por Malan.

Um livro pequeno, raro e que suscitou um misto de sentimentos que todo historiador provavelmente já viveu - entre entusiasmo, alegria e curiosidade - por saber mais. Como escreve Albuquerque Júnior (2019, p. 83), os pesquisadores se relacionam com os documentos e, para além da ordem racional, “os documentos emocionam, mexem com a sensibilidade do pesquisador” que trabalha com eles por meio de uma artesanaria que envolve seleção, recolha, registro, análise, questionamento, reflexão, conjugação com outros documentos e contextualização. No ofício do historiador da educação vamos percebendo as camadas e os muitos sentidos possíveis que residem nos documentos sendo “restos de um tempo, eram restos de vivências, de experiências, de emoções, de pensamentos, de lamentos e de tormentos” (Albuquerque Júnior, 2019, p. 91). São documentos que elegemos para tal e os inquirimos, analisamos e ordenamos a fim de dar-lhes um sentido no tempo e na narrativa que produzimos.

Vem à lume então, neste artigo, a análise desse livro escolar – um silabário – que ao final do século XIX e primeira década do século XX foi utilizado para ensinar a ler e a escrever em algumas das escolas ditas italianas do Rio Grande do Sul. Desse modo, o objetivo do artigo é justamente analisar produção, circulação e consumo dessa obra quase desconhecida, do silabário em italiano escrita pelo professor Malan e impresso e comercializado por uma das mais importantes livrarias e editoras do Rio Grande do Sul na época, a Livraria Americana. O livro circulou no Rio Grande do Sul e temos o registro de seu uso em diferentes localidades. E como consta na epígrafe de abertura do texto, se a “Educação é o bastão da vida” como escreveu

¹ O Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami está situado no município de Caxias do Sul e guarda acervo precioso com documentos diversificados organizados em arquivo público, arquivo privado, banco de memória oral e coleções especiais.

² Como afirma Frade (2010, p. 276) “a palavra “silabário” pode ter mais de um sentido, designando: (i) um tipo de livro; (ii) uma tabela ou um conjunto de tabelas com séries silábicas variadas, apresentadas no interior das páginas de um livro; (iii) um método para alfabetizar”. Neste artigo, utilizo no sentido de um tipo de livro.

o autor, professor Malan, os livros são objetos culturais e analisá-los permite entrever um pouco mais da cultura material e das possíveis práticas de ensinar e aprender.

Por meio da análise documental histórica do silabário, entrecruzado com relatórios consulares, correspondências, jornais e com as categorias analíticas de produção, circulação e consumo, prescrito e situado uma análise do livro, seu autor e editora, no contexto do período, num olhar transnacional.

O olhar transnacional foi além das fronteiras nacionais na análise de um objeto, pensando-o em suas interligações e interfaces, pontos de contato e trocas culturais. Assim, a atenção transnacional ao objeto – professor que imigrou e assumiu a função da docência na terra de acolhida, caso do Prof. Malan e que viveu em condições híbridas, produziu transferências culturais (Espagne, 2017) ou seja, uma dinâmica de ressemantização da cultura vivida na Itália para as novas experiências no Brasil. Na bagagem desse professor, uma diversidade de práticas culturais foi transportada e confrontada com os diversos modos de viver nos locais em que se estabeleceu. Chartier ensinou que

o objeto fundamental de uma história que visa a reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus discursos parece residir na tensão entre as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, de outro lado, as restrições, as normas, as convenções que limitam – mais ou menos fortemente de acordo com sua posição nas relações de dominação – o que lhes é possível pensar, enunciar e fazer (Chartier, 2002, p. 91).

As capacidades inventivas do professor Malan mediante a sua assunção como professor em escola italiana de Pelotas e certamente as dificuldades enfrentadas para obter material escolar disponível em sala de aula o estimularam a produzir esse pequeno livro escolar. De outro lado, Pelotas dispunha da Livraria Americana com tipografia própria o que permitiu as condições para a impressão. Como explica Anne-Marie Chartier, “Um livro didático é um ‘guia a ser seguido’, na sala de aula ou em casa, geralmente sob a direção de um professor. Isso faz dele um produto editorial singular, efêmero e, portanto, particularmente frágil” (Chartier, 2018, p. 5).

Sendo assim, nesse caminho analítico de organização da narrativa, apresento inicialmente o autor e a editora, situando-os historicamente na análise da produção e circulação da obra. Na sequência, em um segundo movimento analítico, a obra é prescrita, apresentando indícios de seu consumo em diferentes escolas italianas do Rio Grande do Sul, buscando uma “escrita clivada da narrativa histórica [... com a] tripla tarefa de introduzir o passado num discurso do presente, mostrar a competência do historiador, mestre das fontes, e convencer o leitor” (Chartier, 2022, p. 57).

Contextualizando o autor e a editora

“Dimmi con chi vai e ti dirò chi sei” [Diga-me com quem você vai e eu lhe direi quem você é] (Malan, s/d, p. 29, tradução livre da autora).

Com esse adágio popular retirado do Silabário escrito pelo Prof. Malan que com certa recorrência fez uso de provérbios para ensinar a ler e escrever em italiano, nesse subitem apresento o quadro que situa o autor e a editora, contextualizando a produção da obra e sua distribuição.

No contexto das migrações internacionais do final do século XIX e primeira década do século XX chegaram ao Brasil milhares de imigrantes em busca de trabalho, da posse de terras e de melhores condições para viver. Estabelecidos em áreas rurais e urbanas, assim como em núcleos coloniais, as famílias foram constituindo condições para viver nesses locais e em muitos deles foram comuns as iniciativas de abertura de escolas com marcas étnicas (Luchese, 2015; Luchese *et al.*, 2021). A escassez de material didático, especialmente livros, foi motivo de muitos debates, requisições tanto no contexto brasileiro como no italiano. A despeito das remessas numerosas, mas inconstantes, de livros impressos na Itália e enviados ao Brasil (e outros países com presença de imigrantes italianos), também existiram iniciativas de produção, publicação, distribuição e consumo de obras escolares em italiano no Brasil³. É o caso do pequeno silabário produzido pelo professor Gian Pietro Malan que atuou em Pelotas por um curto espaço de tempo e publicou o silabário.

Em 33 breves lições, com 49 páginas, o pequeno e raro silabário foi impresso por uma das editoras e livrarias mais importantes do Rio Grande do Sul ao final do século XIX, a Livraria Americana de Carlos Pinto & C. Succs. Conforme estudos de Castro e Barausse (2020), em Pelotas existiam no ano de 1885, duas associações de socorro mútuo, *AUnione e Filantropia* e a *Circolo Garibaldi* que se uniram para fundar a *Società Italiane Riunite*. Conforme os autores, “Foi nesta ocasião que o projeto de criação de uma escola italiana, para os filhos de imigrantes italianos, foi retomado” e, ainda, que a escola da comunidade italiana “foi inaugurada, no edifício da sociedade italiana reunida *Unione e Filantrophia e Circolo Garibaldi*, a escola gratuita para ensino dos filhos dos súditos italianos residentes em Pelotas”. Informam, ainda que a escola foi visitada por Ernesto Martuscelli e lhe foi concedido subsídio anual de 500 liras (Castro; Barausse, 2020, p. 12).

Gian Pietro Malan era professor e vinculado a Liga Nacional Protetora dos Emigrantes de Genova. Em 1884, ele viajou a bordo do vapor *Orione* da *Società Florio-Rubattino* para Montevideu, seguindo para o Brasil posteriormente. O comandante, segundo o relato que foi publicado no ano seguinte, em 1885, era o Capitão V. E. Lavarello. Após 21 dias de navegação e quatro dias de quarentena, conheceu um pouco do Uruguai e seguiu em direção ao Brasil, retratando em livro, seu relato de viagem. Descreve o Rio Grande do Sul e São Paulo, em especial. Apresenta dados de como os núcleos coloniais, como Caxias, Dona Isabel e Conde D’Eu se desenvolviam, lugares por ele chamados de ‘colônias agrícolas’. As comunidades de imigrantes são descritas, apresentadas e o trabalho dos imigrantes no Brasil destacado como importante. Ao final da obra, as páginas são dedicadas aos estatutos da Liga Nacional Protetora dos Emigrantes de Genova da qual não foi possível localizar maiores informações. Na imagem a seguir a segunda capa do livro:

³ Outra obra produzida, publicada e que circulou no RS foi uma Gramática em italiano analisada por Luchese, Vendramin e Ghellere (2022).

Figura 1 – Segunda capa do livro *Un Viaggio Al Brasile* de Malan, 1885.

Fonte: Malan, 1885, capa.

Malan voltou ao Brasil em 1885, provavelmente depois de publicar o livro. Produziu panfleto para seus compatriotas, exaltando o Brasil e incentivando a emigração. Tal panfleto foi elogiado pelas autoridades brasileiras que se serviram do mesmo para distribuir na Itália, orientando e estimulando a emigração pela pena de um concidadão. Não foi possível localizar maiores detalhes das negociações, mas em 1886, G. B. Malan foi nomeado agente consular em Pelotas, onde passou a atuar também como professor.

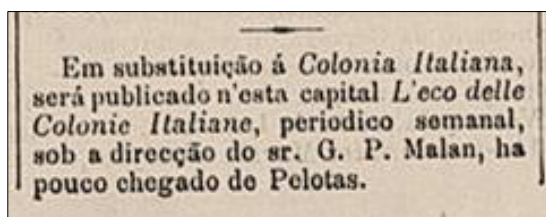
Pelo que foi localizado⁴, Malan era casado com Magdalena Malan e eram naturais do vale de Angrogna, no Piemonte. O primogênito, Alfredo Malan nasceu em Gênova em 1873. A família era valdense⁵. Em Pelotas, como professor, Malan escreveu a obra analisada no presente artigo. Também, conforme noticiado pelo Jornal A Federação, na capa de 05 de

⁴ Os dados informados foram consultados em <https://ensaioesnotas.com/2017/02/17/valdenses-no-brasil/> acesso em 07/01/2025.

⁵ Como bem explicita o estudo de Dalla Chiesa (2024, p. 17) “O movimento valdense surgiu em meados do século XII, no Sudoeste da França, em torno da cidade de Lyon. Seu nome deriva da pessoa em torno do qual esse movimento se catalisou, o comerciante Pedro Valdo. Os valdenses se inseriram na tradição dos movimentos populares da Baixa Idade Média que preconizavam um retorno ao que consideravam a pureza e os valores do cristianismo primitivo. Mesmo sendo duramente combatidos, pois considerados heréticos, se espalharam pela Itália e pelo Sul da França, e aderiram, no século XVI, às teses da Reforma de inspiração calvinista. Envolvidos nas lutas religiosas que engolfaram boa parte da Europa, o “povo-igreja”, na expressão de Giorgio Tourn, acabou, essencialmente, confinado a alguns vales, entre a França e a Itália, ao longo dos séculos XVII e XVIII, até lhes ser outorgada a igualdade de direitos civis e a liberdade de ir e vir, durante o processo de Unificação Italiana. A Igreja Valdense era a denominação protestante que tinha maior atuação entre as populações nativas da península à época do grande fluxo imigratório, para o Rio Grande do Sul, no último quarto do século XIX”.

fevereiro de 1886, sob a direção de G. P. Malan iniciaria a publicação do jornal *L'Eco delle Colonie Italiane* (Jornal A Federação, 05/02/1886, capa), conforme figura a seguir.

Figura 2 – Recorte do Jornal A Federação de 05/02/1886.



Fonte: Jornal A Federação, 05/02/1886, capa.

Malan se envolveu em tensões e disputas, confrontando-se com o Cônsul Pascoale Corte e algumas lideranças da comunidade italiana local. Conforme Castro (2024, p. 173), as escolas italianas em Pelotas marcaram presença na área urbana e rural “Mas, por meio das fontes encontradas e selecionadas, percebe-se uma movimentação maior nas escolas italianas do espaço urbano, as quais estavam ligadas às sociedades de Mútuo Socorro locais”. No caso específico da área urbana de Pelotas, relata ainda que

A primeira escola italiana em Pelotas foi fundada em 1872, pela Sociedade Italiana *Unione e Filantropia*, ainda antes do grande fluxo migratório para o RS. A Sociedade italiana criou, naquele ano, uma escola sem qualquer forma de apoio econômico das autoridades consulares italianas. Era dirigida pelo professor Ettore Gori Mazzoleni e funcionou até 1880, ano do falecimento do professor (Castro, 2024, p.176).

Entre 1880 e 1885 a escola esteve fechada e em 1885 teria sido retomada, conforme o estudo de Castro:

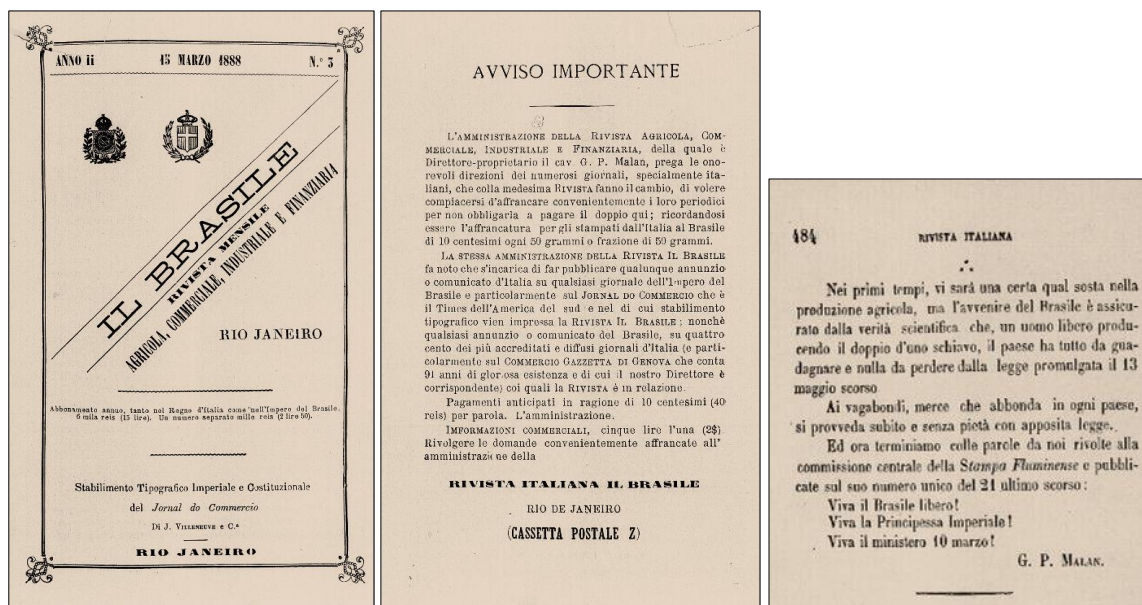
No ano de 1885, as duas associações existentes: A *Unione e Filantropia* e a *Circolo Garibaldi* uniram-se para fundar a *Società Italiane Riunite* e, nessa ocasião, foi retomado o projeto de criação de uma escola para os filhos de imigrantes italianos: “em 1885, outra sociedade (*Circolo Garibaldi*) se uniu a *Unione e Filantropia* e a escola, com contentamento geral, foi restabelecida para educar os filhos de nossos compatriotas italianos sócios e não sócios” (Castro, 2024, p. 177).

Castro não detalha a atuação docente de Malan entre 1885 e 1886, um período breve, em Pelotas. Mas é nesse período em que esteve à frente da escola em Pelotas que produziu e publicou o Silabário. Cabe mencionar que ele foi nomeado Cavaleiro da Ordem da Rosa conforme noticiado na capa do Jornal A Evolução, órgão conservador aos 16 de março de 1886. As tensões vividas em Pelotas entre o agente consular/professor Malan, com o cônsul Corte e outras pessoas da comunidade italiana local motivaram a exoneração. A capa do Jornal A Federação de 23 de outubro comunicava a dispensa do cargo de agente consular de Pelotas do professor Malan (Jornal A Federação, 23/10/1886, capa). Conforme

identificado, Malan embarcou no paquete Victória em 1886 indo para o Rio de Janeiro onde passou a residir com a família.

Na capital, Rio de Janeiro, Malan assumiu a função de diretor-proprietário de uma revista mensal que tratava de notícias sobre o Brasil de um modo geral e mais detidamente às questões de desenvolvimento econômico, conforme apresentado na figura 3. A revista dirigida por Malan, em seu primeiro número contava com 80 páginas, o que variou nos números sucessivos.

Figura 3 - Il Brasile. Rivista Mensile : Agricola, Commerciale, Industriale e Finanziaria (RJ) - 1888 a 1889.



Fonte: Il Brasile, 1888.

Em 1889, a última notícia localizada é de que o professor foi acometido pela febre amarela, conseguindo recuperar-se logo depois (Jornal La Voce Del Popolo, s/d, 1889, p. 3). Se Malan permaneceu no Brasil ou se retornou para a Itália, não foi possível precisar. Mas o filho Alfredo seguiu carreira militar em terras brasileiras e seus descendentes permanecem no Brasil.

Malan negociou a publicação de seu livro escolar com uma editora que publicava obras didáticas e que tinha um alcance para além de Pelotas. A Livraria Americana de Carlos Pinto & C. Succs. foi uma das mais importantes do Rio Grande do Sul. Conforme o Dicionário de História de Pelotas (2017):

No ramo específico da indústria editorial, duas empresas dominaram o mercado pelotense — e, praticamente, o mercado rio-grandense — durante o último quartel do século XIX: a Livraria Americana e a Livraria Universal. A primeira, de propriedade de Carlos Pinto & Cia., foi fundada no ano de 1875, estabelecendo filiais em Porto Alegre (1879) e Rio Grande (1885). A segunda era de propriedade de Echenique & Cia. e foi fundada em 1887, expandindo igualmente os seus negócios até Rio Grande e Porto Alegre. [...] Dentre os livros que publicaram, predominam as obras

de ficção, de autores universais, nacionais e regionais; mas não deixa de ser surpreendente o acervo dos seus livros didáticos (Magalhães, 2017, p. 185 e 186).

Hallewell (2012, p. 433) refere que no Brasil e em especial no Rio Grande do Sul, ao final do século XIX e primeiros anos do XX, os “editores rio-grandenses, protegidos por uma constituição positivista, imprimiam toda sorte de livros sem autorização dos editores legítimos e sem pagar direitos autorais”. A ‘pirataria’, ou seja, a ausência de pagamento de direitos autorais e autorização das editoras foi prática disseminada. Com a finalidade de popularizar e ampliar o leque de obras disponíveis para o público foi recorrente a prática de publicar sem prévias autorizações de autores e editores. Para Hallewell (2012, p. 433) “o principal culpado era a editora gaúcha mais importante da época, a Livraria Americana, de Carlos Pinto, estabelecida, desde a década de 1880, em Pelotas, no extremo sul do estado”. Menciona a série Biblioteca Econômica que comercializava a preços baixos, livros em formato de bolso, com inúmeras traduções.

Arriada e Valle (2015, p. 164) em estudo sobre os cartões postais destacam a importância da Livraria Americana como

tendo sido uma das mais fortes casas editoriais do Rio Grande do Sul na produção de cartões postais (além de livros). Estabeleceu-se na cidade de Pelotas em 1871 e, num primeiro momento, funcionou na Rua Andrades Neves, 603. Posteriormente, transferiu sua loja para a Rua 15 de Novembro e abriu filiais em Porto Alegre (1879) e Rio Grande (1885), onde seu estabelecimento comercial funcionava na Rua Marechal Floriano.

Torresini (2010, p. 245) amplia a análise ao mencionar que

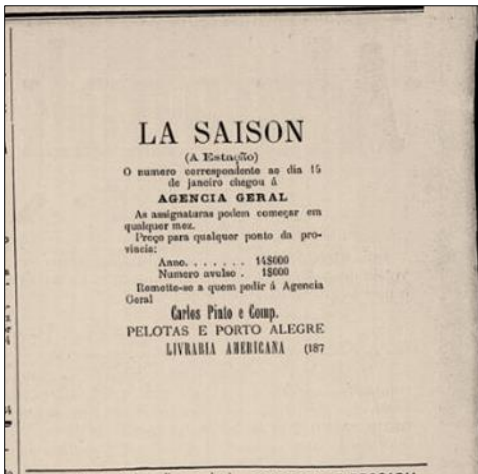
A Livraria Americana oferecia um estoque completo de livros de todas as categorias. Além dos anúncios extensos e variados em diversos jornais, publicou o *Catálogo de livros da Livraria Americana*, remetendo-o gratuitamente aos solicitantes. Em poucos anos, ampliou seus negócios, abrindo uma filial na cidade de Rio Grande. De 1889 a 1917 publicou o *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*, dirigido por Alfredo Ferreira Rodrigues.

A produção de catálogo próprio e os anúncios nos jornais de modo recorrente posicionaram a Livraria Americana, projetando-a com a distribuição de livros por diferentes municípios do RS. Além disso, a iniciativa de produzir livros com custos mais baixos e populares também foi relevante, com “um papel destacado na difusão da prática da leitura e na formação de estoques de livros para as escolas e os cursos superiores no final do século XIX e início do XX” (Torresini, 2010, p. 246). Na figura a seguir recortes de anúncios no principal jornal gaúcho, A Federação. Nesse jornal, a Livraria Americana aparece em destaque sinalizando para assinatura de uma revista francesa de moda, *La Saison*, a venda de papel,

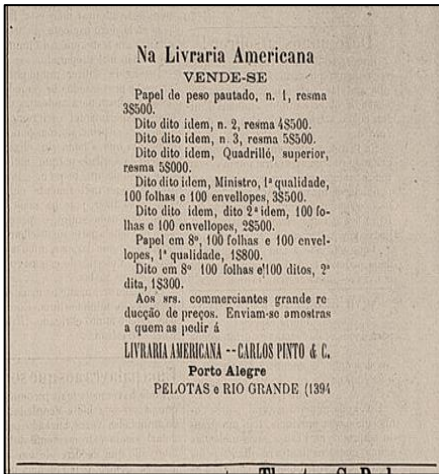
envelopes e livros (cadernos) bem como de uma gramática portuguesa. Anúncios diferentes que foram selecionados entre tantos, recorrentes e sempre à página 3 do referido jornal.

Figura 4 – Propaganda da Livraria Americana no Jornal A Federação.

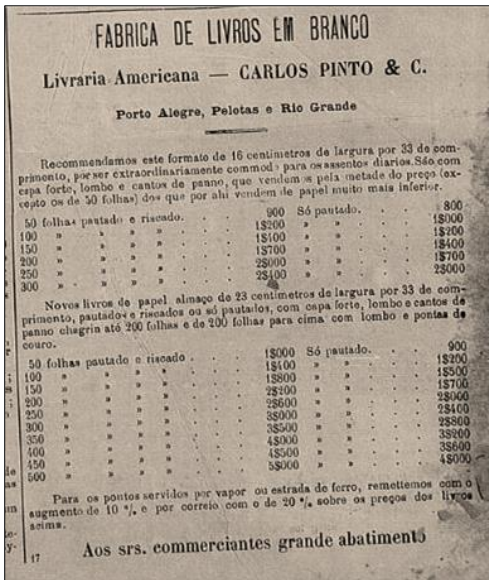
(I)



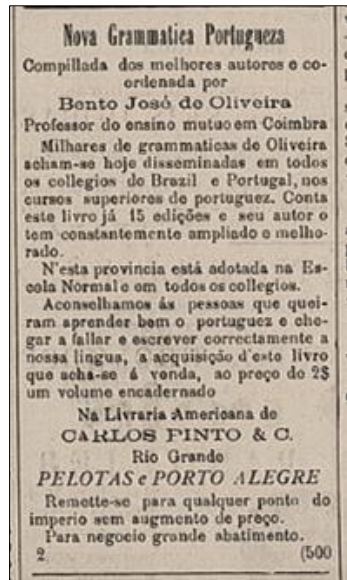
(II)



(III)



(IV)

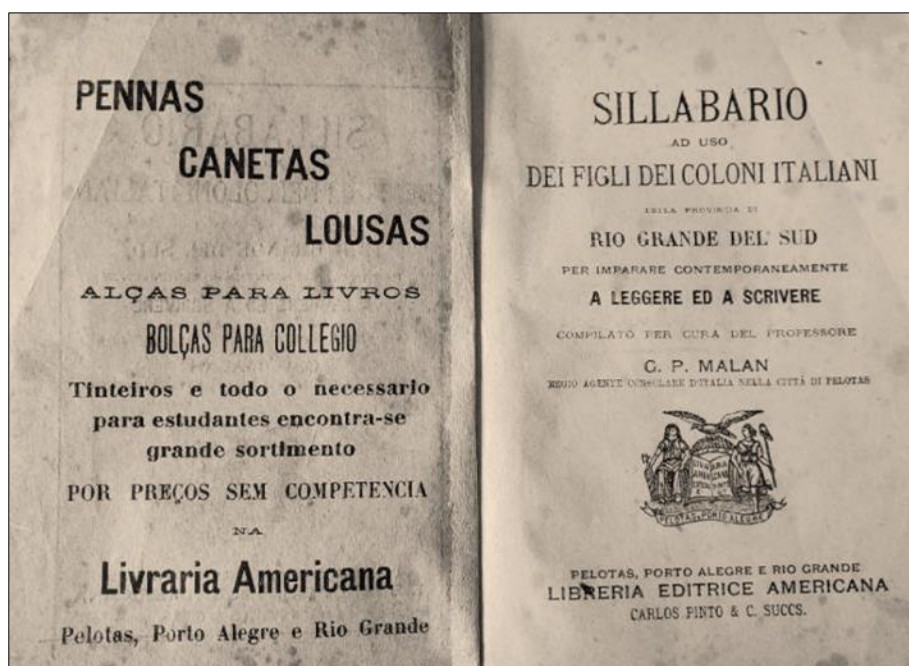


Fonte: (I) JORNAL A Federação, 29/01/1885, p. 3; (II) JORNAL A Federação, 22/10/1885, p. 3; (III) JORNAL A Federação, 04/08/1886, p. 3; (IV) JORNAL A Federação, 21/04/1886, p.3.

A livraria comercializava também livros e revistas importados, como anunciado em jornais da época. A tipografia da Livraria Americana prestava serviços imprimindo diversos jornais, além de publicar os relatórios dos presidentes de província e de intendentes de diversos municípios gaúchos. Fornecia materiais de escritório e papelaria para o setor público e privado. Portanto, sua presença e atuação foram importantes, destacando-se que expedia pelo correio aos interessados, ampliando sua rede de comércio e distribuição de produtos. Carlos Thomaz Pinto viajava para a Europa em busca de novidades, como noticiado pelo Jornal A Federação “Chegou ontem à capital, de volta de sua viagem à Europa, o Sr. Carlos Thomaz Pinto um dos proprietários da Livraria Americana” (JORNAL A Federação, 10/08/1886, p. 2).

Na própria obra de Malan, na segunda capa constam informações sobre a Livraria Americana indicando a venda de penas, canetas, lousas, alças para livros, bem como ‘bolsas’ para colégio, tinteiros e demais sortimentos necessários para os escolares. A Livraria Americana, como mencionado, destacava-se ainda por suas filiais em Porto Alegre e Rio Grande. Na contracapa e a penúltima página da obra também constam informações de venda de outros livros escolares, bem como divulgam o comércio de instrumentos musicais.

Figura 5 – Segunda capa com destaque para a Livraria Americana.



Fonte: Malan, s/d, p. segunda capa e p. 03.

Com uma livraria em expansão, traduções de romances, edição de livros escolares, bem como o amplo sortimento de materiais escolares, de papelaria e timbrados em geral garantiu a presença marcante da livraria em Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande. Em 1910, Livraria Americana foi vendida. Em Pelotas e Rio Grande para a Livraria Universal dos Irmãos Echenique e em Porto Alegre foi mantida a marca, mas passou a pertencer a João Oswaldo Rentzsch e Raphael Vieira da Cunha⁶.

⁶ Em outra referência localizei informações complementares: “Em 1871, José Pereira de Souza Pinto e seu cunhado Carlos Thomaz Pinto, fundaram uma “pequena casa de livros e papéis” (Rodrigues, 1905, p. 06), batizando com o nome de Livraria Americana. Foi fundada naquele ano, portanto, como livraria, para logo depois, estabelecer-se como editora. [...] A Livraria Americana, cuja razão social era Carlos Pinto e Cia., encerrou suas atividades comerciais em 1916, quando foi adquirida pela Livraria Universal Echenique. Contudo, no início de suas atividades funcionou em uma das ruas centrais de Pelotas, a Andrade Neves (quase esquina da Floriano Peixoto, área central da cidade [Pelotas], em um portentoso sobrado, posteriormente, o proprietário adquiriu um prédio na também central rua XV de novembro, nº 195, um grandioso edifício com colunas encarnadas e com belas e artísticas estátuas no topo do prédio, quase em frente a outro importante e movimentado estabelecimento da cidade, o Hotel Aliança. [...] A Livraria Americana dedicava-se as mais diversas atividades, transcendendo em muito a especificidade de uma casa editorial. Contava com maquinários que podiam executar distintas artes de impressão, editando, desse modo, cadernos, livros, folhetos, cartões postais etc.” (Arriada; Nogueira, 2018, p. 61- 63).

O silabário: a obra e seu consumo

“Amiamo molto l’ Italia, quantunque lontani”
(Malan, s/d, p. 33)

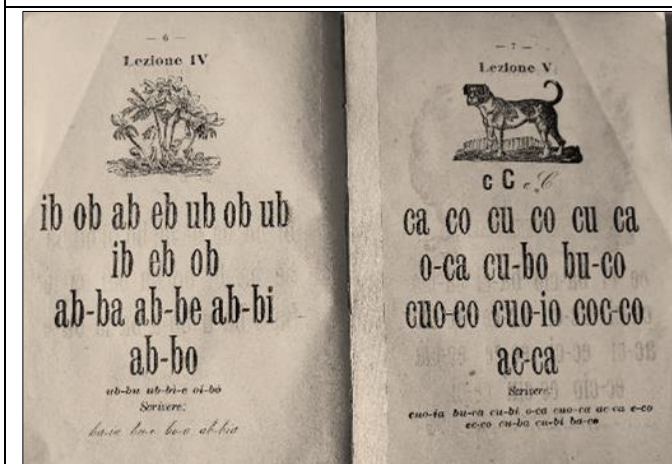
“Amiamo molto l’ Italia, quantunque lontani, poiché d ssa   nostra patria diletta, che già comand  un giorno al mondo intero e fu maestra di civiltà e sapere” [Amamos muito a Itália, mesmo distantes, pois   nossa pátria amada, que um dia já comandou o mundo inteiro e foi maestra de civilidade e conhecimento] (Malan, s/d, p. 33, tradução livre da autora). Elegei parte dessa frase para intitular este artigo, chamando atenção ao sentido de pátria apresentado aos pequenos imigrantes e descendentes que utilizaram em sala de aula, ou para além dela, o Silabário do professor e agente consular Gian Pietro Malan.

Impresso em papel jornal e em formato pequeno, o Silabário tinha intuito de ser um suporte inicial para a aprendizagem da leitura e da escrita. Considerado como artefato cultural,   *“un producto fabricado, difundido y consumido”* (Chopin, 2000, p. 110). Com uma estrutura relativamente simples de 49 páginas e 33 lições, o autor com o apoio do trabalho tipográfico, parte da apresentação das letras, organiza a página entre o que se espera que seja lido e o que deve ser copiado. Frases e pequenos textos compõem o final do livro. Para visualização e análise apresento o quadro a seguir:

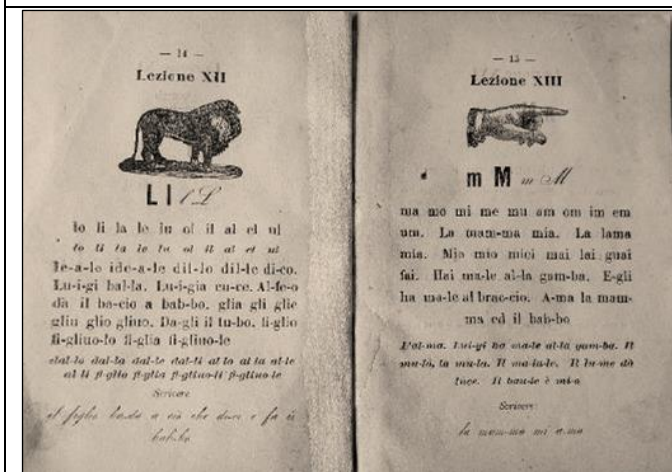
Quadro 1 – Composição e análise do silabário de Malan.

Página da obra	Análise
	Inicio chamando atenção para a capa. O título indica a quem se destina o livro e seu uso, o autor e a função que exercia, bem como a editora e sua localização. Uma obra popular, com baixo custo, poucas páginas. Não foi possível identificar a tiragem e o ano exato de sua publicação, mas os indícios apontam para 1885/1886.

A lição I apresenta um relógio e abaixo dele, as vogais com tipos de fontes diferentes, destacando-se também as letras minúsculas e maiúsculas. Organiza uma parte inicial que estimula a leitura e separa ao final da página o que é esperado que seja escrito pelo estudante. A cópia, repetida. A leitura ensaiada, cantada, memorizada.



Nas lições pares que aparecem na página da esquerda, são apresentadas combinações da consoante presente na página anterior, no caso a letra B em combinação com todas as vogais. As lições da página do lado direito, apresentam uma nova consoante, no caso C e a obra está organizada seguindo a ordem alfabética.



Conforme as lições avançam a quantidade de palavras apresentadas para a leitura cresce. Formam-se frases. Também complexifica o exercício escrito, compondo frases curtas.

— 24 — Lezione XXIV An-se-nia è ap-pe-na sui sei an-ni e già si la-va be-ne da se-le ma-ni e il vi-sò. Ra-gaz-zì! se vo-le-to es-se-re a-ma-ti, te-ne-to-vi sem-pre pu-lli. La be-fa-na e i fol-let-ti so-no ub-bie. A-in-dia-mo-ci gli u-ni gli al-tri. Il Qui-ri-nà-le è la di-mo-ra del no-stro a-ma-to re in Ro-ma. <i>Monete:</i> Le-na vi-de sul-la via se-duta la po-ve-ra Te-re-sa ma-la-ta. Le do-nò su-bi-to pa-ne e tre mo-ne-te. La-nà è buo-na.	— 25 — Lezione XXV ra che chi co-co, ce ci cio cia cin, ortica, che-to, in-chi-no, ma-ni-cot-to, oc-chio, la-chi, chie-sa, zuc-ca, bec-co, fac-chi-no, mac-chia, o-rec-chie, oc-chia-li, sec-chia. Il cie-lo è se-re-no. Dà un ba-cio a pa-pà. Il ca-cio mi pia-ce. Suc-chia-re o suc-ciare. La fac-cia-ta della casa. Ec-co fat-to il bec-co all'o-ca. Mio fra-tel-lo ha buon cuo-re. La ciur-ma. <i>Storico:</i> A-in-ta-to i po-ve-ri. Ra-do-gua è u-na ci-tà d'Ita-lia. Ci-ce-re-ne fu un gran-de o-ra-to-re ro-ma-no. Dim-mi con chi-cui e ti di-rò chi sei.	A partir da lição XIX não se apresentam mais desenhos em cada página. O espaço da página passa a ser ocupado por exercícios de leitura e de escrita. Faz-se a composição e uso de fontes diferentes. Palavras e frases mais extensas. Uso de negrito e itálico. Cidades italianas, nomes de autoridades, pequenas lições de sentido patriótico e civilizatório são inseridas para serem lidas e também transcritas.																				
— 32 — Lezione XXVIII Contare e scrivere fino a 10 <table border="1"> <tr> <td>1</td><td>2</td><td>3</td><td>4</td><td>5</td> </tr> <tr> <td>6</td><td>7</td><td>8</td><td>9</td><td>10</td> </tr> </table> <table border="1"> <tr> <td>1</td><td>2</td><td>3</td><td>4</td><td>5</td> </tr> <tr> <td>6</td><td>7</td><td>8</td><td>9</td><td>10</td> </tr> </table>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	— 33 — Lezione XXIX  L'Italia, per le sue bellezze naturali ed artistiche, vien denominata il giardino d'Europa. Amiamo molto l'Italia quantunque lontani, poiché dessa è nostra patria diletta, che già comandò un giorno al mondo intero e fu maestra di civiltà e sapere. Umberto primo è il nostro Re valoroso e galantuomo e la virtuosa Margherita di Savoia, la nostra graziosa Regina. È indispensabile che	A lição XXVIII apresenta os numerais e a quantidade de cada número. Dois tipos de fontes para representá-los. E a lição XXIX apresenta um texto. No texto, se pode observar a questão da exaltação da Itália como Pátria de todos os italianos, inclusive os que vivem distantes dela. Menciona ser a Itália reconhecida como o jardim da Europa por suas belezas naturais e artísticas. Exalta os reis e conclui o texto afirmando a importância de aprender a língua italiana “a mais doce e harmoniosa língua que se conhece” (p. 34).
1	2	3	4	5																		
6	7	8	9	10																		
1	2	3	4	5																		
6	7	8	9	10																		
— 42 — Lezione XXXIII <i>Perdonate ai vostri nemici e fate del bene a chi v'ha offeso, tal è il grandioso precetto insegnato coll'esempio dal sommo Maestro.</i> Carlino aveva ricevuto una salsata nella schiena da Luigi, il quale tosto se n'era fuggito. Carlino voleva vendicarsi dell'offesa ricevuta; ma un giorno, passando egli lungo un fiume, vide Luigi, che era andato a prendere un bagno, in procinto ad annegare. Non dando ascolto che al generoso impulso del suo cuore, Carlino afferrò tosto una per-	— 43 — tica che per caso trovavasi là vicino e la porse al suo nemico mediante la quale questi poté trarsi a salvamento. Luigi versò lacrime di sentimento, domandò scusa al suo salvatore della cattiva azione antecedentemente fattagli, ed a giovanetto perverso ch'egli era — ad un simile esempio di generosità — si ravvide e divenne un giovane virtuoso e dabbene. Seminate dei benefici e ne nasceranno dei dolci ricordi.	A última lição, a XXXIII, não separa o que deve ser lido e o que deve ser escrito. É um texto. Nele se destaca, como nas demais lições finais, sentidos de patriotismo, civilidade com orientações morais e de higiene por meio da mobilização de personagens infantis e situações cotidianas como é o caso de Carlino e Luigi. Perdoar os inimigos e fazer o bem a quem nos ofendeu é assim que o texto inicia. Luigi teria sido maldoso com Carlino atirando-lhe uma pedra e acertando-o nas costas. Passado algum tempo, Carlino viu Luigi num rio tomando um banho, mas com Luigi em perigo, quase se afogando. Ele foi salvo por Carlino. Luigi reconheceu que havia sido malvado e pediu perdão à Carlino, que é mencionado como salvador e exemplo de generosidade. Esse e outros textos e mesmo frases da pequena obra são lições moralizantes e civilizatórias que acompanham o ler e o escrever do silabário.																				

Pelo exposto e coadunando com a afirmação de Frade (2010, p. 276), no Silabário do Prof. Malan,

Aprendem-se os nomes das letras do alfabeto, reconhece-se cada letra fora da ordem, soletra-se seu nome, decoram-se alguns quadros de sílabas e depois se tenta redescobri-las em palavras ou textos. Nas palavras e nos textos, há uma separação por hífens ou espaços que vão guiando a oralidade. Podemos supor que uma pessoa que tenha aprendido por esse procedimento na escola pode transmitir essa “tecnologia de uso” para outros, em espaços escolares e não escolares. Repetir sempre os mesmos procedimentos pode dar uma ideia de estabilidade e simplicidade, incentivando leitores a utilizar, de forma mais autônoma, esse tipo de impresso. Talvez seja por isso que esse material se prolonga para além do tempo e do espaço da escola.

O Silabário como parte da cultura material escolar permite, de certo modo, entrever as escolas italianas e seu funcionamento em terras gaúchas. De um modo sintético, apresentada a obra, considero relevante – e para além do uso que o próprio autor fez em sua sala de aula da obra que produziu – outros professores de escolas italianas no Rio Grande do Sul utilizaram o livro. Para a análise, mesmo que parcial e aquela possível pelos documentos disponíveis, penso o consumo e a circulação a partir dos relatos de professores. Localizei e apresento no quadro a seguir três indícios do consumo do Silabário do Professor Malan em relatos de professores enviados ao cônsul sediado em Porto Alegre, Mario Marefoschi, em 1890:

Quadro 2 – Indícios de consumo do Silabário do Prof. Malan, 1890.

Nome do professor, da escola e data	Trecho do documento	Tradução livre da autora
Abdon Santini Escola Mista da Sociedade de Mútuo Socorro Stella de Itália (Garibaldi) 06/07/1890	“Nella classe 1 ^a s’insegnò e si fece conoscere e leggere tutte le 21 lettere del nostro Alfabeto Italiano sia per la stampa che per la scrittura secondo il metodo Sillabico ed il Sillabario del Professore G.P. Malan”	“Na primeira classe se ensinou e se fez conhecer e ler todas as 21 letras do nosso Alfabeto Italiano seja pela impressão ou pela escrita conforme o método silábico do Silabário do Professor G. P. Malan”

Agostino Brun ⁷ Escola Social da Zemith (Bento Gonçalves) 26/12/1890	“E coi libri scolastici? Ecco il tema importantissimo da sciogliere. Senza buoni libri certo è non avremo mai buone scuole. I libri del Malan che siamo costretti di adoperare sono incompatibili, e poi non abbiamo che il Sillabario e 1º Libro di lettura; orridi che sono e sempre quelli, i fanciulli ed anche i genitori finiscono con annoiarsi e perdere l’amore alla scuola”.	“E com os livros escolares? Aqui está uma questão muito importante a ser resolvida. Sem bons livros, nunca teremos boas escolas. Os livros do Malan que somos obrigados a usar são incompatíveis e então temos apenas o Silabário e o Primeiro Livro de leitura; horríveis como são e sempre assim, as crianças e também os pais acabam ficando entediados e perdendo o amor pela escola”.
Angelo Trevisan Escola Elementar Italiana Mista (linha Garibaldi, Garibaldi) 24/12/1890	“Lettura Alla 1ª classe, si fece conoscere e leggere le 22 lettere dal nostro alfabeto, secondo il Sillabario del professore G.P. Malan. Ed alla seconda classe si fece leggere e spiegare, il secondo Libro del prof. Pietro Darzzi, spiegando e insegnando le tre regole principali per legger bene”.	“Leitura Para a turma de 1ª classe foi apresentada e leram as 22 letras do nosso alfabeto, de acordo com o silabário do professor G.P. Malan. E a turma da 2ª classe foi levada a ler e explicar o Segundo Livro do Professor Pietro Darzzi, explicando e ensinando as três principais regras para uma boa leitura.

Fonte: RELATÓRIO... in ASMAE, AS 1889-1910, Pos III B, b. 339, f. Scuole al Brasile fino al 1898 G 183 PG, sf. Parte Antica -Donna Isabella.

Os três professores mencionados no quadro 2 atuavam em escolas italianas na Serra Gaúcha e eram subsidiados pelo Governo Italiano. Em 1890, na sede de Conde d’Eu (Garibaldi), o professor Abdon Santini era responsável pela escola elementar mista da Sociedade de Mútuo Socorro Stella de Italia, que recebia meninos e meninas. Agostino Brun atuava em escola em área mais rural e em seu relato questiona a qualidade dos livros, afirmando que eram desanimadores tanto para os estudantes como para os pais. Além disso, menciona a falta de materiais como livros para uma boa aula. Naquele ano de 1890 o professor patentado Agostino Brun que tinha uma turma de 28 estudantes com idades de 7 aos 13 anos, registrando para o Cônsul o protesto pela falta de livros, mas em especial da necessidade de tê-los com qualidade. O professor Angelo Trevisan, de sua parte, apenas relata que mobilizou o silabário com a 1ª Classe para a leitura.

Outros professores podem ter feito uso do pequeno Silabário do Prof. Malan em anos anteriores ou posteriores. Não foi possível precisar e apresentar outros rastros. Mas dos que se localizou há críticas e o reconhecimento de limites, pois o Silabário atendia apenas aqueles estudantes no processo inicial de alfabetização.

⁷ Conforme estudo de Luchese (2015) o professor Agostino Brun chegou em 1882, com 38 anos. Católico, tinha diploma de professor primário obtido na Itália. Foi casado com Marina que imigrou aos 31 anos. Trouxeram os filhos Roza de 11 anos, Vittoria de 7 anos (filhas do primeiro casamento) e Giudite de 1 ano. Nascidos no Brasil: Romano, Dorina, Ema, Mario e Adolfo. Primeiramente estabelecido no lote 109 da Linha Jansen, mudou-se posteriormente para Santa Bárbara onde exerceu, até falecer em 1913, a docência como professor particular (primeiros 8 anos) e, após, professor público estadual.

Considerações Finais

O professor e agente consular Gian Pietro Malan imigrou da Itália para o Brasil em 1885. Vivenciou experiência como escritor de um livro escolar, o silabário aqui analisado, assim como de um relato de viagem para as terras brasileiras. Atuou na edição de periódico e seu pequeno livro escolar significou uma das iniciativas localizadas por professores de escolas italianas no Brasil que produziram material para subsidiar suas aulas, além de outros professores.

A obra impressa na Livraria Americana que tinha tipografia própria e foi uma das mais importantes do Rio Grande do Sul do período, com ampla circulação e sedes em Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande. Remetia produtos por correio e investia em amplo sortimento de livros próprios, importados, além de materiais escolares, de escritório e tipográficos. Foi vendida em 1910.

O silabário de 49 páginas está organizado em semelhança a outros produzidos e que circulavam da Itália para o Brasil no período. Com tamanho de bolso, em papel jornal, com baixo custo e, portanto, mais acessível, ele circulou e foi utilizado por professores de escolas italianas na Serra Gaúcha. Além de instruir para a leitura e a escrita, suas páginas estampam provérbios, estimulam os estudantes – por meio de historietas curtas e personagens como Carlino, Luigi, Pierino e Emilio a respeitar os pais, a Pátria italiana, ou seja, lições moralizantes e com fins civilizatórios. Como bem cultural, o silabário é também mercadoria com técnicas de fabricação e impressão, rede de distribuição e como foi impresso em italiano e escrito por professor imigrante, também é resultado de troca cultural transnacional. Nos faltam detalhes de seus usos e processos de consumo, as astúcias postas em jogo nas relações entre professores e estudantes no interior das salas de aula, mas o exercício de análise resulta em mais um pequeno rastro que se concretiza para compreendermos as histórias da educação que habitaram as salas de aula pretéritas. Finalizo concordando com Anne-Marie Chartier (2018) ao afirmar que o livro escolar – caso do silabário – foi por vezes considerado banal e que pouca atenção foi dada a sua complexidade, mas como historiadores da educação, hoje entendemos a riqueza histórica de tal objeto.

Referências

ARRIADA, Eduardo e NOGUEIRA, Gabriela Medeiros. A publicação da serie graduada *Lições no Lar* de Hilário Ribeiro pela Livraria Americana de Pelotas: contribuições para à História da Produção Editorial no Rio Grande do Sul. In: PERES, Eliane e RAMIL, Chris de Azevedo (org.). *Produção e circulação de livros didáticos no Rio Grande do Sul nos séculos XIX e XX*. Curitiba: Appris, 2018, p. 51 a 80.

ARRIADA, Eduardo e VALLE, Hardalla Santos do. Fragmentos da modernidade em Rio Grande: a contribuição dos cartões postais (1902-1930). *Histórias e Perspectivas*. Uberlândia, nº 52, p. 159 a 177, jan/jul. 2015.

CASTRO, Renata Brião de. “*Una società senza scuola è come un corpo senz’anima*”: as escolas italianas em Pelotas/RS durante os anos de 1872 a 1938, constituição e trajetória. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2024.

CASTRO, Renata Brião de; BARAUSSE, Alberto. “*Una società senza scuola è un corpo senz’anima*”: as Escolas Italianas de Pelotas/RS mantidas pelas Sociedades de Mútuo Socorro no século XIX. *História da Educação*, v.24, p.e92488, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/92488>

CHARTIER, Anne-Marie. Prefácio. In: PERES, Eliane e RAMIL, Chris de Azevedo (org.). *Produção e circulação de livros didáticos no Rio Grande do Sul nos séculos XIX e XX*. Curitiba: Appris, 2018, p. 5 – 10.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia – a História entre certezas e inquietude*. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: ed. Universidade / UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *Editar e traduzir: mobilidade e materialidade dos textos (séculos XVI – XVIII)*. São Paulo: Editora UNESP, 2022.

CHOPIN, Alain. Los Manuales escolares de ayer a hoy: el ejemplo de Francia. *Historia de la Educación: Revista Interuniversitaria*, Universidade de Salamanca, n.19, p.13-36, jun. 2000. Disponível em: <https://revistas.usal.es/tres/index.php/0212-0267/article/view/10790>. Acesso em: 10 jan. 2025.

DALLA CHIESA, Vicente Martins. *Imigrantes italianos valdenses e os inícios do metodismo no Rio Grande do Sul (1887-1900)*. Dissertação em História. 203 fl. Porto Alegre: PUC/RS, 2024.

ESPAGNE, Michel. A noção de transferência cultural. *Jangada*. nr. 9, jan/jun. 2017, p. 136 – 147.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Uma genealogia dos impressos para o ensino da escrita no Brasil no século XIX. In *Revista Brasileira de Educação*, v.15, n.44, maio/ago. 2010, p. 264 a 281. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782010000200005>

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. Sua história. São Paulo: EDUSP, 2012.

IL BRASILE, Rivista Mensile: Agricola, Commerciale, Industriale e Finanziaria (RJ) - 1888 a 1889 dirigida por G. P. Malan. Rio de Janeiro: Laemmert, 1887-1889.

JORNAL A Evolução, órgão conservador. Capa, ano II, nº 60, Rio de Janeiro, 16/03/1886.

JORNAL A Federação, Órgão do Partido Republicano. Capa, ano III, nº 245, Porto Alegre, 23/10/1886.

JORNAL A Federação, Órgão do Partido Republicano. Capa, ano III, nº 29, Porto Alegre, 05/02/1886.

JORNAL A Federação. Órgão do Partido Republicano. Ano II, nº 24, Porto Alegre, 29/01/1885, p. 3.

JORNAL A Federação. Órgão do Partido Republicano. Ano II, nº 240, Porto Alegre, 22/10/1885, p. 3.

JORNAL A Federação. Órgão do Partido Republicano. Ano III, nº 176, Porto Alegre, 04/08/1886, p. 3.

JORNAL A Federação. Órgão do Partido Republicano. Ano III, nº 181, Porto Alegre, 10/08/1886, p. 2.

JORNAL A Federação. Órgão do Partido Republicano. Ano III, nº 91, Porto Alegre, 21/04/1886, p. 3.

JORNAL La Voce Del Popolo. Edição 435, ano IX, Rio de Janeiro, s/d, 1889, p. 3.

LUCHESI, Terciane Ângela; BARAUSSE, Alberto; SANI, Roberto e ASCENZI, Anna (orgs.). *Migrações e História da Educação: saberes, práticas e instituições, um olhar transnacional*. Caxias do Sul: EDUCS, 2021.

LUCHESI, Terciane Ângela; VENDRAMIN, Kariane e GHELLERE, Priscila. Uma gramática de italiano impressa no Rio Grande do Sul: aproximações da história do livro escolar produzido para escolas italianas (1896). *Revista Brasileira de Alfabetização*, n.18, 2022. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/659>. Acesso em: 14 jan. 2025.

LUCHESI, Terciane Ângela. *O processo escolar entre imigrantes no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 2015.

MAGALHÃES, Mario Osório. Livros. In: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida e MAGALHÃES, Mario Osório (orgs.). *Dicionário de História de Pelotas*. 3. ed. – Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p.185-6. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/3466>. Acesso em 10/09/2024.

MALAN, Gian Pietro. *Sillabario ad uso dei figli dei coloni italiani della provincia di Rio Grande del Sud per imparare contemporaneamente a leggere ed a scrivere*. Pelotas: Livraria Americana, s/d.

MALAN, Gian Pietro. *Um viaggio al Brasile*. Genova: Luigi Sambolino, 1885.

RELATÓRIO das escolas italianas no Rio Grande do Sul do régio cônsul Mario Marefoschi. Archivio Storico Diplomatico del Ministero degli Affari Esteri (ASMAE), AS 1889-1910, Pos III B, b. 339, f. Scuole al Brasile fino al 1898, G 183 PG, sf. Parte Antica -Donna Isabella.

TORRESINI, Elizabeth W. Rochadel. Breve história da circulação de livros, das livrarias e editoras do Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX). In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010, p. 235 a 252.